

## **NARRATIVA BIOGRÁFICA EM UM ESTUDO DE CASO: IDENTIDADE E CULTURA INDÍGENA NA REGIÃO DO ARAGUAIA – MT**

*Biographical narrative in a case study:  
Identity and indigenous culture in the Araguaia region – MT*

Eleandra Negri Costa<sup>1</sup>  

Neusa Inês Philippsen<sup>2</sup>  

Tania Cristina Crivelin Jorra<sup>3</sup>  

**Recebido: 04/08/2023**

**Aprovado: 20/12/2023**

**RESUMO:** Este artigo foi elaborado com o propósito inicial de atender a uma das tarefas de avaliação da Disciplina de ‘Sociolinguística’ do programa de Mestrado em Letras (PPGLetras) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), localizada no campus de Sinop-MT, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2023. O mesmo apresenta um estudo de caso desenvolvido com o objetivo de investigar, à luz da análise da Narrativa Biográfica e da Sociolinguística Internacional, como o sujeito dá significado à sua trajetória de vida e construção identitária. Adota-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, e os dados foram gerados por meio de uma entrevista narrativa biográfica, embasada no modelo proposto por Jovivelvik e Bauer (2000). O participante da pesquisa é um indígena da etnia Karajá, que reside na comunidade Lago Grande, às margens do Rio Araguaia, no estado de Mato Grosso. Os resultados foram construídos na dinâmica de interpretação e significação da realidade apresentada pelo participante da pesquisa, em diálogo com Bortoni-Ricardo (2017); Goffman (1981); Bucholtz e Hall (2005); De Fina e Georgakopoulou (2008); Riessman (1993), entre outros autores renomados no campo de estudo. O estudo permitiu compreender como a

<sup>1</sup> Especialista em Gestão e organização de Escolas (2021), discente do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras), UNEMAT, *campus* de Sinop (2022-2024) e membro Grupo de Estudos sobre Pesquisa Narrativa no Ensino-aprendizagem de Línguas (GEPENEL). Professora da rede Estadual de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT). E-mail: [eleandra.negri@unemat.br](mailto:eleandra.negri@unemat.br)

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo - USP (2013), pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP (2018) e pós-doutorado pela Universität Augsburg - Alemanha (2022). Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. É professora dos programas de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras) e do PROFLETRAS, na UNEMAT/Sinop; é membro da equipe Red-BayMis de las Universidad Nacional de Misiones (UNAM) y Universidad de Augsburg (UNIA); coordenadora do Grupo de Trabalho? Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira? (GT ELIAB) da ANPOLL; membro dos grupos de pesquisa "Alma Linguae: Variação e Contatos de Línguas Minoritárias" e GEPLIAS (Grupo de Estudos e pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística), cadastrados no CNPQ; integrante da comissão editorial e coordenadora dos Estudos Linguísticos da Revista Norte@mentos da UNEMAT/Sinop; membro dos Conselhos Editoriais da Revista Acta Semiótica et Lingvistica e da Revista Geadel; e membro do Centro de Estudos e Investigação (CEI). E-mail: [neusa.philippsen@unemat.br](mailto:neusa.philippsen@unemat.br).

<sup>3</sup> Graduação em Letras - Português e Inglês pela Faculdade de Jandaia do Sul (2003). Discente do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras), UNEMAT, *campus* de Sinop (2022-2024). Professora de Língua Inglesa da Rede Municipal de Educação de Lucas do rio Verde-MT. E-mail: [tania.jorra@unemat.br](mailto:tania.jorra@unemat.br)

identidade do indígena é moldada pela trajetória pessoal, pelas relações com comunidades indígenas e pelas mudanças sociolinguísticas influenciadas pelo acultramento decorrente do processo de migração e colonização na região. Hoje o sujeito se encontra em uma fronteira ideológica de pertencimento, entre se sentir aceito como branco e se sentir indígena.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Interacional; Narrativa Biográfica; Língua; Cultura; Identidade.

**ABSTRACT:** This article was prepared with the initial purpose of answering one of the evaluation tasks of the Discipline of 'Sociolinguistics' of the Master in Letters program (PPGLetras) at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), located on the campus of Sinop-MT, during the first semester of the 2023 school year. It presents a case study developed with the objective of investigating, in the light of Narrative and Interactional Sociolinguistics analysis, how the subject gives meaning to his life trajectory and identity construction. A qualitative research approach is adopted, and data were generated through a biographical narrative interview, based on the model proposed by Jovivelvik and Bauer (2000). The research participant is an indigenous person of the Karajá ethnic group, who resides in the Lago Grande community, on the banks of the Araguaia River, in the state of Mato Grosso. The results were co-constructed in the dynamics of interpretation and meaning of the reality presented by the research participant, in dialogue with Bortoni-Ricardo (2017); Goffman (1981); Bucholtz e Hall (2005); De Fina e Georgakopoulou (2008); Riessman (1993), among other renowned authors in the field of study. The study allowed us to understand how the identity of the indigenous is shaped by the personal trajectory, by the relationships with indigenous communities and by the sociolinguistic changes influenced by the acculturation resulting from the process of migration and colonization in the region. Finds himself on an ideological frontier of belonging, between feeling accepted as white and feeling indigenous.

**Keywords:** Interactional Sociolinguistics; Biographical Narrative; Language; Culture; Identity.

## 1 Introdução

A Sociolinguística Internacional é um campo de estudo que se conecta com diversas disciplinas, como a Linguística, a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social. Essa abordagem interdisciplinar nos permite compreender como as pessoas se comunicam e constroem significados nas interações sociais. Dessa forma, a linguagem é vista como algo dinâmico e o significado é situado no momento específico da interação.

Nesta perspectiva, por meio de um estudo de caso, analisamos a narrativa de um indígena que reside em um povoado urbano às margens do Rio Araguaia, no município de Santa Terezinha, Estado de Mato Grosso. Identificamos a sua origem étnica e linguística. Além disso, propomo-nos a compreender, a partir da perspectiva do sujeito entrevistado, as relações sociais

que estabelece na comunidade local e os impactos na (re)constituição de sua identidade cultural e linguística.

Quanto ao contexto da pesquisa, a comunidade Lago Grande está situada às margens do Rio Araguaia, na divisa territorial entre Mato Grosso e a Ilha do Bananal, estado de Tocantins. O participante da pesquisa é um indígena do gênero masculino, com 48 anos de idade, residente na comunidade citada. De acordo com suas informações, ele frequentou a escola até o quarto ano do ensino fundamental durante a infância e o 5º ano na fase adulta. Após essa etapa, interrompeu seus estudos escolares. Para garantir o sigilo e anonimato, o entrevistado será chamado pelo pseudônimo de Ingá.

Em princípio, informamos que o interesse por essa pesquisa surgiu a partir do contato da segunda autora deste artigo com povos indígenas durante passeios turísticos e pesca esportiva na comunidade, que é o foco deste estudo. Esse contato permitiu que a autora se familiarizar com alguns indígenas – três famílias, que fazem parte dessa comunidade. Alguns deles vivem em situação de vulnerabilidade social e com dependência alcoólica. Como professora pesquisadora, a autora observou aspectos que despertaram sua curiosidade em compreender a origem étnica dos povos indígenas que habitam aquele local, bem como a cultura e a construção identitária desses sujeitos.

Ao investigar, constatou-se que o Indígena Ingá pertence à etnia Karajá. E, de acordo com as informações postas no neste *site*, *Povos Indígenas no Brasil*.<sup>4</sup> Os Karajá são comunidades indígenas que vivem às margens do rio Araguaia, nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Eles são conhecidos por preservarem suas tradições ancestrais, como a língua nativa, as bonecas de cerâmica, as pescarias familiares e rituais tradicionais. Além disso, eles mantêm sua identidade por meio de enfeites plumários, cestaria, artesanato em madeira e pinturas corporais.

No que tange às origens etno linguísticas, os Karajá pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê e têm três grupos linguísticos: Karajá, Javaé e Xambioá. Embora haja variações de acordo com o sexo do participante, todos conseguem se entender mutuamente. No entanto, devido ao contato com a sociedade nacional, o idioma português tem se tornado mais presente em algumas aldeias, como a Xambioá (TO) e a Aruanã (GO).

---

<sup>4</sup> Povos Indígenas no Brasil. Site disponível em: <<https://pib.socioambiental.org>> Acesso em: 07/06/2023.

Destacamos, ainda, que o rio Araguaia desempenha um papel fundamental na mitologia e vida social dos Karajá. Seu território abrange uma extensa faixa do vale do rio, incluindo a ilha do Bananal, que é a maior ilha fluvial do mundo, com cerca de dois milhões de hectares. Suas aldeias estão estrategicamente localizadas próximas a lagos, afluentes do rio Araguaia e do rio Javaés, além do interior da ilha do Bananal. Cada aldeia estabelece seu próprio território para pesca, caça e práticas rituais, criando espaços culturais reconhecidos por todo o grupo.

Estes indígenas conciliam tradições com o mundo contemporâneo. Vivem temporariamente nas cidades para garantir direitos, saúde, educação bilíngue. Desafios comuns a povos indígenas. Além disso os Karajá mantêm a tradição de acampar em busca de melhores locais de pesca, em aldeias temporárias, mudam-se para barrancos altos na chuva e cultivam roças para sustentar a comunidade.

Ao longo da história, estes indígenas enfrentaram disputas territoriais com outros povos indígenas, como Kayapó, Tapirapé, Xavante, Xerente, Avá-Canoeiro, Bororo e Apinayé. Esse contato resultou em uma troca enriquecedora de práticas culturais entre os Karajá e outros grupos, como os Tapirapé.

Com relação à disposição deste artigo, está organizado em três seções. A primeira aborda sobre a Sociolinguística Interacional em diálogo com estudos sobre trajetória de vida e construção identitária (BORTONI-RICARDO, 2017; GOFFMAN, 1981; HALL, 1996; BUCHOLTZ; HALL, 2005) E Com Pesquisas Narrativas (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; RIESSMAN, 1993; BRUNER, 1990) entre outros autores renomados.

Já a segunda seção apresenta, de forma detalhada, a abordagem metodológica da Entrevista Narrativa biográfica, utilizada como instrumento de coleta e tratamento dos dados, com base em Jovchelovitch e Bauer (2000). Ao longo do artigo, analisamos como o sujeito atribui significado à sua história de vida, aos outros e à realidade, utilizando uma abordagem qualitativa interpretativista. Esses significados foram construídos por meio da análise da narrativa do participante, que será exposta na terceira seção, seguindo com as considerações finais e o referencial teórico utilizado.

A interpretação da narrativa biográfica de Ingá revela como sua identidade foi moldada ao longo de sua trajetória pessoal, suas interações com comunidades indígenas, as transformações sociolinguísticas e as influências culturais e religiosas provocadas pela migração e colonização. A história pessoal de Ingá exerce uma influência significativa em sua

perspectiva sobre a vida e a comunidade, levando-o a refletir sobre a preservação da língua e cultura dos povos Karajá.

## **2 Estudos de identidade cultural e linguística na perspectiva da pesquisa narrativa no campo da Sociolinguística Interacional**

As contribuições dos vários autores mencionados ao longo desta seção enriqueceram nossa compreensão sobre a interseção entre linguagem, narrativa e construção identitária ao longo da trajetória de vida do sujeito.

Adotar a perspectiva multidisciplinar da Sociolinguística Interacional possibilita compreensão sobre como as pessoas se comunicam e constroem significados ao interagir-se umas com as outras. De mesmo modo, as ações que ocorrem durante o uso da linguagem, que é considerada um fenômeno dinâmico e em constante realização Ribeiro e Garcez, (1998).

A interação presencial neste campo de estudo desempenha um papel fundamental na construção do significado social, despertando interesse tanto no âmbito linguístico quanto sociológico. O significado é entendido como algo situado, que emerge no momento em que os participantes de uma interação específica elaboram suas mensagens e definem as ações do processo de interação. Essa abordagem concebe a linguagem como um sistema simbólico em constante processo de construção, aberto e moldado pelas interações sociais.

Nesta perspectiva, a luz das contribuições de Bortoni-Ricardo (2017), a Sociolinguística Interacional, é uma vertente de estudos voltada para a organização da interação comunicativa, à qual muito contribuíram as pesquisas de Erving Goffman (1981) e John Gumperz (1996). Em síntese, essa linha de estudos concentra-se na lógica de que a interação é fundamental para a construção dos papéis sociais, uma vez que não há separação entre língua e contexto social.

Além disso, a concepção de identidade adotada neste estudo segue a perspectiva pós-moderna e socioconstrucionista, que considera a identidade como algo fluido e em constante construção. As práticas discursivas desempenham um papel fundamental na formação da identidade, sendo este resultado direto dessas práticas e da linguagem. Segundo essa visão, a identidade não é uma característica estável e fixa, mas sim um processo discursivo e interacional, no qual o sujeito assume diferentes identidades em diferentes contextos e interações.

A negociação e construção da identidade ocorrem por meio das práticas discursivas, que são social e culturalmente situadas. As identidades não são dadas *a priori*, mas sim alcançadas e negociadas na interação. Portanto, a identidade é entendida como um construto social, moldado e gerenciado nas práticas discursivas intersubjetivas Bucholtz e Hall, (2005).

No contexto desta pesquisa, a análise das identidades é essencial para compreendermos como o indivíduo se relaciona com determinados valores e como constrói suas identidades no discurso. Ao examinarmos as performances identitárias, é possível investigar como o indivíduo compreende e categoriza o mundo social ao seu redor. A construção e negociação situada das identidades são consideradas como uma forma de gerar conhecimento sobre o contexto social, pois as práticas discursivas, as práticas identitárias e o mundo social estão interligados e em constante diálogo (Hall, 1996; Moita Lopes, 2003; Bauman, 2005; Fabrício E Bastos, 2009).

Portanto, a análise das práticas discursivas e identitárias permite acessar o nível macrossocial quando há a compreensão de como os indivíduos atribuem significados à realidade por meio do discurso, contribuindo para a constituição da própria realidade e sua organização social. Em se tratando da identidade coletiva, entendemos que a construção da identidade social não se limita a uma individualidade, pois os indivíduos também reivindicam identidades que remetem a grupos. Essas identidades coletivas estão relacionadas ao sentimento de pertencimento e filiação a determinado grupo, seja ele uma pequena "patota", uma comunidade local ou uma categoria mais ampla, como religião ou nação.

A identidade é um fenômeno relacional, construído em relação aos contextos social e situacional da interação, assim como em relação às similaridades e diferenças a outras identidades sociais (Bucholtz e Hall, 2005; Fabrício e Bastos, 2009; Snow, 2001).

Os próximos parágrafos abordarão sobre a relação entre identidade e narrativa, dada a importância da análise da entrevista narrativa para o estudo da articulação entre identidade e sociedade.

Contar histórias é uma prática discursiva fundamental para a construção de sentidos e relações sociais. Isso acontece porque no ato de narrar “não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca” Bastos, (2005, p. 74).

O interesse pelo estudo das narrativas tem crescido, principalmente nas ciências sociais e humanas, por ser considerado um espaço privilegiado para compreender a vida social. A

definição de narrativa é complexa e ainda em debate, mas pode ser entendida como a organização básica da experiência humana. Estudos mais recentes enfatizam uma abordagem socio interacional, que analisa a narrativa como uma prática dentro da interação social, levando em consideração o contexto situacional e os significados construídos na e por essa prática discursiva. Essa abordagem destaca a importância do contexto, da ordem interacional e das influências sociais e culturais na forma como as narrativas são contadas e negociadas na interação (De Fina e Georgakopoulou, 2008), (Moita Lopes, 2011; Bastos, 2004, 2005; Riessman, 1993).

A narrativa é muito mais do que uma mera reprodução fiel de eventos passados. Ela desempenha o papel de representar a experiência percebida pelo indivíduo, oferecendo uma forma de organizar as vivências e memórias, atribuindo-lhes significados e buscando tornar compreensível aquilo que foge do comum, dentro dos contextos social e cultural. A narrativa é, portanto, uma representação linguística da experiência e da realidade que a envolve. Sua análise não se limita apenas ao conteúdo, mas abrange também a forma como é contada Bastos, (2004; 2005).

No entanto, é importante ressaltar que os pesquisadores têm acesso apenas à representação da experiência vivida e escolhida pelo narrador para ser expressa. Essa representação é construída com base na subjetividade do indivíduo e na seleção de aspectos que ele considera mais significativos. Além disso, a contação da experiência é um processo coparticipativo, podendo variar quando é compartilhada com diferentes pessoas, adicionando camadas adicionais de representação e sentido Bruner, (1990).

A transcrição dos dados e a edição na análise também desempenham um papel crucial na representação da realidade. Diferentes convenções de transcrição podem levar a interpretações distintas, refletindo posições ideológicas e resultando em diferentes versões da narrativa.

Por fim, é fundamental reconhecer que cada leitor traz consigo seus próprios significados para a narrativa. Os sentidos atribuídos a ela são fluidos e contextuais, construídos na interação entre o narrador, o pesquisador, o analista e o leitor. Assim, a compreensão da narrativa depende da interação entre esses diferentes agentes, cada um contribuindo com suas perspectivas e interpretando a narrativa de acordo com suas próprias experiências e entendimentos Riessman, (1993).

A análise da narrativa, ao levar em conta o contexto micro da interação, desempenha um papel fundamental na compreensão dos sentidos negociados pelos participantes e na construção de ações, identidades e da própria realidade social.

A partir dos estudos sobre a abordagem de pesquisa narrativa, compreendemos que a narrativa desempenha um papel fundamental na maneira como nos apresentamos, permitindo ao narrador reivindicar identidades por meio das palavras e de como as utiliza. Além de contribuir para a construção das identidades sociais, a narrativa exerce influência na criação da realidade social. Quando contamos histórias, estamos, na verdade, colaborando para definir nosso próprio senso de identidade e interpretar o mundo ao nosso redor, De Fina e Georgakopoulou, (2008).

### **3 Entrevista narrativa (Auto) biográfica**

A entrevista narrativa (doravante EN) foi desenvolvida por Fritz Schütze na década de 1970, na Alemanha. O autor percebeu que os métodos de pesquisa qualitativa existentes na época não eram capazes de representar de forma precisa os fenômenos sociais investigados. Isso se devia à rigidez dos instrumentos utilizados, que direcionavam e limitavam as respostas dos participantes, restringindo suas manifestações.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2000), Schütze propôs um modelo de entrevista não estruturada, em que a resposta do entrevistado emergia dele próprio, e não das perguntas de pesquisa. O objetivo era compreender os acontecimentos sociais a partir das perspectivas individuais dos participantes, reconhecendo que eles são constituídos e modificados na interação. O pressuposto é de que as experiências individuais estão interligadas em diferentes contextos situacionais, tornando inviável a criação de um instrumento de pesquisa padronizado que pudesse abarcar a complexidade da realidade de cada indivíduo no contexto social investigado.

Uma característica fundamental da EN é que o pesquisador não interfere durante o relato do entrevistado. O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma pergunta aberta, que não direcione para respostas específicas e que incentive uma narrativa espontânea e improvisada, ou seja, sem preparação prévia. Ao contrário de muitos modelos de entrevistas, o pesquisador não formula perguntas com referências explícitas, mas sim propõe um tema

relacionado à realidade em estudo para que o entrevistado o desenvolva da maneira que considerar mais adequada durante o relato.

Nessa narrativa, o entrevistado deixa transparecer as estruturas processuais dos eventos de sua vida de acordo com seus próprios critérios de relevância e ordenação. Esse atributo confere um caráter narrativo à entrevista, o que justifica a denominação "entrevista narrativa" dada por Schütze a esse instrumento de pesquisa. Em contexto brasileiro, a EN ganhou destaque principalmente com a publicação do artigo 'Entrevista Narrativa' de Jovchelovitch e Bauer (2000), que utilizamos como embasamento teórico no presente estudo.'

A arte de contar histórias segue um esquema autogerador com três características principais: textura detalhada, fixação da relevância e fechamento da *Gestalt* (totalidade). A textura detalhada envolve fornecer informações detalhadas para estabelecer transições plausíveis entre acontecimentos. A fixação da relevância foca nos aspectos relevantes dos eventos de acordo com a perspectiva do narrador. O fechamento da *Gestalt* garante que um acontecimento central seja contado em sua totalidade, com começo, meio e fim.

Jovchelovitch e Bauer (2000), por sua vez, adaptaram essas características e as ressignificaram em quatro fases: iniciação, narrativa, questionamento e fala conclusiva. Para cada uma dessas fases, são sugeridas regras específicas. O objetivo dessas regras não é promover uma adesão cega, mas sim oferecer orientação ao entrevistador para que seja obtida uma narrativa rica sobre um tópico de interesse, evitando os problemas associados ao esquema de pergunta e resposta. Seguir essas regras garantirá um ambiente livre de constrangimentos e manterá o desejo do entrevistado de contar uma história sobre acontecimentos importantes.

À luz dos pensamentos de Schütze (1992a; 1992b), abordados pelo trabalho de Jovchelovitch e Bauer (2000), dispomos o seguinte roteiro planejado para o desenvolvimento da EN utilizada nesta pesquisa:

Tabela 1- Síntese do roteiro de EN

<b><i>Etapas</i></b>	<b><i>Entrevista Narrativa</i></b>	
<b><i>Preparação</i></b>	Abordagem inicial para conhecer o perfil do participante; contextualização da entrevista ao participante; encaminhamento do TCLE <sup>5</sup> agendamento da entrevista; organização dos equipamentos.	
<b><i>Questão gerativa</i></b>	1. Conte-me sua trajetória de vida, abordando desde seu nascimento, onde nasceu, o que sabe sobre seus ancestrais, pais, avós, bisavós.	Após iniciar a gravação, informar ao participante que poderá solicitar para parar a gravação e a entrevista no momento em que desejar. Após a pergunta gerativa realizar a escuta observadora e atenta por parte do pesquisador.

<sup>5</sup> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelo participante concordado em participar da pesquisa.

<b>Perguntas exmanentes</b>	<p>2. Fale sobre a comunidade onde viveu na infância e os principais fatos e acontecimentos que contribuíram para estar onde está e ser quem você é hoje.</p> <p>3. Você percebe ou já presenciou alguma forma de preconceito linguístico?</p> <p>4. Quais práticas culturais mais importantes e significativas você percebe na comunidade onde vive hoje? Quais significados têm para você?</p>	<p>Estas perguntas serão melhor reformuladas, contextualizadas, no momento da entrevista, de acordo com a narrativa central do participante. Ou seja, traduzir em perguntas imanescentes.</p> <p>Nesta fase também serão feitos questionamentos, com o propósito de evidenciar novos conteúdos pelo narrador. Podem ser feitas perguntas do tipo: Então? Por quê? Como é?</p>
<b>Finalização</b>	<p>5. Existe mais algum acontecimento importante ou algo que você gostaria de compartilhar nesta entrevista?</p>	<p>Agradecer novamente por compartilhar as experiências e conhecimentos. Parar a gravação e fazer todas as anotações observadas durante a entrevista.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras: com base em Jovchelovitch e Bauer (2000).

Na etapa de preparação da EN, investimos tempo e buscamos uma compreensão preliminar da trajetória de vida do participante, assim formulamos um tópico inicial central que pudesse provocar uma narrativa autossustentável. Para tanto, nos familiarizamos com o campo de estudo, realizando investigações preliminares, lendo documentos e tomando notas de boatos e relatos informais sobre a comunidade Lago Grande. Com base nessas investigações iniciais e em nossos interesses de investigação, elaboramos uma lista de perguntas exmanentes, que refletem os objetivos da pesquisa.

É importante distinguir as questões exmanentes das questões imanescentes, que são os temas, tópicos e relatos que surgem durante a narrativa trazidos pelo entrevistado. Essas questões podem se sobrepor, ter alguma relação parcial ou não ter relação entre si. O ponto crucial dessa tarefa é traduzir as questões exmanentes em questões imanescentes, ancorando as questões exmanentes na narrativa e usando exclusivamente a linguagem do entrevistado. Durante a entrevista, a atenção do entrevistador esteve voltada para as questões imanescentes, tomando notas da linguagem utilizada e preparando perguntas para serem feitas posteriormente, no momento apropriado.

A entrevista foi coletada pela segunda autora deste texto, em abril de 2023, seguindo as fases conforme planejamento. Na fase inicial, foi contextualizada a pesquisa ao entrevistado e solicitada permissão para gravar a entrevista. Foi explicado brevemente o procedimento da EN, incluindo a importância de realizar a narrativa sem interrupções e a fase de questionamento.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2000), a introdução do tópico central deve estimular a narrativa, seguindo algumas regras: o tópico deve estar relacionado à experiência do entrevistado, ter significância pessoal ou social, sem mencionar o interesse do entrevistado.

O tópico deve permitir uma narrativa longa, abrangendo situações iniciais e eventos passados até a situação atual. É importante evitar formulações indexadas, como datas ou nomes, deixando esses detalhes para serem fornecidos pelo entrevistado.

Nesta lógica, na etapa da Narrativa Central, foi evitada a interrupção até se perceber um claro sinal de encerramento por parte do entrevistado. Durante essa fase, não foram realizados comentários, exceto por meio de sinais não verbais que demonstravam escuta atenta e encorajamento para ele continuar a narrativa.

A terceira etapa da EN nestes moldes é marcada pela fase de questionamentos. Quando a narrativa central teve um "fim natural", iniciou-se a fase de questionamento. Nesse momento, a escuta atenta do entrevistador se tornou fundamental para a reelaboração das perguntas, traduzindo-as em perguntas que utilizaram a linguagem do entrevistado, preenchendo as lacunas na história. Durante essa fase, três regras básicas foram seguidas: evitar perguntas do tipo "por quê?", focar nos acontecimentos, como "o que aconteceu antes/depois/então?", evitar perguntar diretamente sobre opiniões, atitudes ou causas, pois isso poderia levar a justificativas e racionalizações.

A narrativa naturalmente inclui algumas justificativas e racionalizações, mas é importante não às investigar, apenas observar como surgem espontaneamente. O objetivo da fase de questionamento é obter material novo e adicional, ampliando a estrutura da história. Portanto busca detalhes concretos e uma conclusão coesa, respeitando as regras estabelecidas.

Na sequência deste texto, apresentamos a análise e construção de sentidos a partir da EN coletada para este estudo que pretende mostrar a construção da identidade linguística e cultural do entrevistado e características do povo a que pertence.

#### **4 Construção da identidade linguística e cultural**

A análise dos dados foi conduzida de maneira interpretativa e reflexiva, permitindo a emergência de novas categorias e a revisão constante dos achados. Utilizamos técnicas como a codificação temática e a triangulação de dados, a fim de garantir a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos, considerando ainda que, em Pesquisa Narrativa, não há uma verdade absoluta sobre a realidade. Como já foi dito anteriormente neste texto, o significado é construído na interação entre o narrador, o pesquisador e o leitor.

De forma sequenciada, apresentamos as análises de acordo com as interpretações dos dados de cada categoria de análise temática, a partir da construção do referencial de codificação. O Tratamento dos dados para análise foi realizado por meio de categorização em unidades significativas.

Na sequência, apresentamos a EN dividida em 3 grandes categorias de análise temática, conforme descrições expressas em cada tabela.

Tabela 2 – Referencial de codificação 1

*(Auto) Biografia - Trajetória de vida*

TRANSCRIÇÃO

*A minha trajetória, saí daqui uma vez pra morar em Lagoa da Confusão, né? Passei o ano lá de 97, 98, 99, retornei pra cá em 2000, né? E continuo hoje aqui. Esse é o único lugar que eu saí pra morar. Aí, na minha infância, eu vivia ali na aldeia Macaúba, Ilha do Bananal, né? Meus pais foram passar um tempo lá, aí retornamos pra cá. E daí até hoje. E meus pais, meus avós, vieram de Conceição do Araguaia. Minha avó estava criada ali pelos padres de lá, não me lembro o nome que ela falou, mas foi criada pelos padres até um certo momento, né? De lá, eles vieram pra cá. Aí, lá pelas voltas da década de 22, e aí mudou pro Lago Grande, foi aonde começou o Lago Grande, pela década de 22, quando abriu aqui a comunidadezinha Lago Grande, né? Em 1922. E lutavam junto também. Naquela época, o nosso povo vivia mais na praia. Pra atravessar por esse lado de cá do Mato Grosso, na época, aí quando começava a baixar as águas, eles retornavam de novo pras praias. Aí viviam, naquela época, nas praias, né? E aí tinha aquela questão ainda do nosso povo indígena, né? Ter conflitos. Aí tinha o pessoal Caiapó que vinha no Xingu, passavam por aqui, né? E eles tinham medo de ter esse confronto e viviam na ilha, em frente ao Lago Grande, né? Que é uma praia. [...] Na época, vários indígenas vieram de São Félix pra cá, com um americano chamado Óto, que formaram a Aldeia Macaúba, na Ilha do Bananal. Aqui ficou só meus pais e familiares, tios e avós, que formou a aldeia, depois se acabou. O americano, ele tinha um pedaço de Terra dentro da Ilha do Bananal, subia e descia o Rio Araguaia, era de um grupo de uma igreja [...]*

REDUÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
Ingá, natural do Lago Grande, viveu boa parte da sua infância na aldeia Macaúba, na Ilha do Bananal. Seus pais e avós vieram de Conceição do Araguaia e se estabeleceram no Lago Grande na década de 1920. No início da entrevista, quando perguntado sobre seu nome, ele não se identificou como Karajá.	<b>Povos Caiapó</b>  <b>Povos Karajá</b>  <b>Conflitos indígenas</b>  <b>Migração</b>  <b>Colonização</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Jovchelovitch e Bauer (2000).

Com relação às tabelas, cada uma apresenta 3 colunas, sendo uma com a transcrição da narrativa do participante, uma coluna com a redução em paráfrase e na última coluna elegemos as palavras-chave de acordo com a temática analisada. Ambas as reduções operam com generalização e condensação de sentido (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2000).

As palavras-chave decodificadas neste primeiro excerto da narrativa, são: Povos Caiapós; Povos Karajá; Conflitos indígenas; Migração; Colonização. A construção de identidade é percebida na narrativa nos momentos em que Ingá apresenta informações sobre a sua trajetória pessoal, destacando sua origem, as localidades onde morou e as raízes familiares. Esses elementos contribuem para a construção de sua identidade, estabelecendo conexões com lugares específicos e relações familiares, sociais e religiosas.

Nesta abordagem de pesquisa, a organização social é compreendida como relacional e dinâmica, ao invés de estática. A interação *face a face* é considerada um espaço fundamental para a construção do significado social, despertando interesse tanto no campo linguístico quanto

no sociológico. O significado é visto como situado e emergente no momento em que o participante, por meio da sua narrativa, elabora suas mensagens, ou seja, quando está definindo o que está acontecendo naquele contexto. Essa abordagem concebe a linguagem como um sistema simbólico inacabado, aberto e construído por meio da interação face a face Goffman, (1981).

Convém destacar que a perspectiva da Sociolinguística Interacional proporciona uma descrição da complexidade das relações humanas ao analisar como o discurso e as interações sociais se organizam de forma interconectada Ribeiro e Garcez, (1998).

Lembremos, ainda, que a representação da realidade é construída com base na subjetividade do indivíduo e na seleção dos aspectos que ele considera mais significativos. Isso significa que cada pessoa pode interpretar e relatar suas experiências de maneira única Bruner, (1990).

O participante relata sua experiência de sair de sua cidade natal, passar um tempo em outra localidade (Lagoa da Confusão) e depois retornar. Essas mudanças de localidade são importantes para compreender o contexto sociolinguístico e a trajetória do indivíduo. De mesmo modo suas referências históricas o contextualizam em um tempo e espaço de ocupação social. Podemos observar que o narrador menciona eventos históricos, como a abertura da comunidade Lago Grande em 1922, relacionando-os à migração de sua família e à ocupação da região. Essas referências históricas ajudam a situar a narrativa em um contexto mais amplo e a estabelecer vínculos com a história da comunidade.

Quanto às suas relações com comunidades indígenas na atualidade, é perceptível, por meio da narrativa, que o participante teve relação de interação com comunidades indígenas, mencionando a aldeia Macaúba na Ilha do Bananal e os conflitos entre povos indígenas, como os Caiapó e a população local. Essas referências revelam a interação e a convivência entre diferentes grupos sociais nesta região que vêm de longa data.

Na tabela 3, abordamos excertos da narrativa que expressam a temática língua e cultura, para darmos continuidade aos objetivos propostos para o presente artigo e responder às questões postas para investigação.

As palavras-chave que codificamos neste excerto são: Cultura indígena; Língua materna; Preconceito linguístico; Organização social. Vejamos:

Tabela 3 – Referencial de codificação 2

*Língua e cultura*

TRANSCRIÇÃO

*Sim, nós temos Karajá e Javaé, que fala a mesma língua nossa, só que com sotaque diferente. Aí temos Karajá aqui do Araguaia. Aí temos Karajá ali de São Félix, do Araguaia, que chama Iboomarradu. Iboomarradu. E cá de baixo, em Santa Teresinha, chama Irarumarradu. Que é o pessoal de baixo. Aí tem o pessoal mais lá embaixo, Santa Maria das Barreiras e Chambéuá, que são Karajá também, né? Aí Karajá ali de São Félix do Araguaia tem o sotaque mais diferente, o daqui diferente também e o lá de baixo também, mais embaixo. Mas tudo Karajá, né? Só muda o sotaque de falar. Então, assim, a gente é desse povo, né? Karajá. E daí a nossa cultura ainda está bem viva, né? Nas aldeias grandes, né? Igual a Tapaz Nabel do Morro, Fantoura, Itxalá, Macaúba, ainda tem a cultura, né? Aí a gente, muitas pessoas hoje vivem na cidade, vai perdendo a cultura. Eu falo a minha língua, ainda. Meus filhos, nenhum sabe o nome, né? O nome indígena, né? Então, assim, eu ainda sei falar. Tem uma prima minha também que aqui sabe falar, mas meus filhos, nenhum deles sabe falar. E, assim, que pra gente é triste, né? Até falar desta forma, né? Esquecer a sua própria língua materna, né? Mas, assim, a gente trabalha pra que tudo volte, né? Por exemplo, enquanto aqui a gente quer construir uma aldeia, pra voltar a língua materna, arrumar os professores pra que nossos filhos, nosso neto volte a falar, né? Nossa, a nossa cultura ainda é viva, ainda, né? Não é bem como antigamente, né? Que hoje é mais feijão, arroz, macarrão, carne, frango, né? Antes não, né? A mistura era mandioca, né? Mandioca cozida, mandioca assada, batata, abóbora, era o milho, né? Então, até então, a gente não era doente, né? Hoje não, a gente comia tudo natural. Aí hoje mudou muito, né? Hoje o índio é diabético, tem pressão alta, né? E assim por diante.*

*Então, essa é a nossa cultura, né? Aqui do Araguaia, o povo Karajá gosta de viver muito, assim, na praia, né? Entendeu? Tá na praia ali, dorme. Então, assim, a nossa cultura ainda tá viva, né? Que a gente fica aqui, se eu já tô falando questão, assim, mas é que o Nordeste não tem mais a cultura. Ele usa a pintura nossa, Karajá, que lá não tem, né? Ele não fala a língua, né? Então, assim, vai mudando. Pois é, e aí a gente chega aqui do Lar Grande, né? Igual a gente falando, né? Aí meus povos chegaram pra cá na década de 22, né? Faleceram, né? Que já são bem de idade, né? Minha avó faleceu, meus pais, meus avós. Minha mãe faleceu, eu tinha 5 anos de idade. Minha mãe faleceu. Eu fui criado pela minha avó, né? Que foi minha mãe adotiva, né? E aí essa é a vida que eu tenho. E moro aqui no Lar Grande, né? Com minha família, né? Tem outros que saíram, né? Porque aqui o desemprego é... Não tem emprego, né? Na verdade, tem que sair para o trabalho, né? Aí tá eu aqui, minha esposa e 5 filhos ainda. No Lago Grande. [...] Porque assim, a gente tem que sempre levar essa linha respeitando. Às vezes, até quando eu estou em reuniões por aí, quando as pessoas, os próprios indígenas mesmo, a gente fala, começam a discriminar as pessoas mestiças e a gente se sente mal, porque meus filhos são mestiços [...]*

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Jovchelovitch e Bauer (2000).

REDUÇÃO	PALAVRAS – CHAVE
<p>Ingá pertence à etnia Karajá e defende a preservação da cultura indígena, incluindo a língua materna. Ele reconhece a importância de respeitar todas as culturas e lutar pelos direitos dos povos indígenas. Ingá ainda cita a mudança dos hábitos alimentares como um fator negativo para a saúde de seu povo.</p> <p>De acordo com a narrativa de Ingá, os Karajá estão divididos em diferentes grupos que falam a mesma língua, porém com sotaques diferentes nos diferentes lugares.</p> <p>Ingá compreende que a língua vai sofrendo mudanças pela necessidade de comunicação com outros povos. Retrata também a necessidade de trabalho para a sobrevivência nessa nova cultura. Percebe também traços de preconceitos linguístico e cultural entre os povos indígenas e não-indígenas.</p>	<p><b>-Cultura indígena</b></p> <p><b>-Língua materna</b></p> <p><b>-Preconceito linguístico</b></p> <p><b>-Organização social</b></p>

O participante Ingá discute sobre a diversidade linguística dentro da comunidade Karajá, mencionando as variações de sotaque entre os falantes da mesma língua. Essa observação destaca a importância da dimensão social na construção das identidades linguísticas e no estabelecimento de diferentes formas de comunicação dentro do grupo.

Em relação à identidade pessoal do participante, é possível observá-la no momento em que o participante compartilha parte de sua história pessoal, incluindo a perda de sua mãe e a adoção por sua avó. Além disso, o fato de o participante fazer questão de mencionar que sua avó foi criada “pelos padres de lá”. Esses eventos individuais contribuem para a formação de

sua identidade pessoal e influenciam sua perspectiva sobre a vida e a comunidade em que vive. Expressa a forma como o sujeito significa a si mesmo, aos outros e a realidade que o cerca.

Neste cenário, é possível questionar, se a avó de Ingá não tivesse sido criada pelos padres, se tivesse permanecido entre sua comunidade originária juntamente com Ingá, qual seria sua identidade linguística e cultural? Certamente sua identidade linguística e cultural estaria ligada à cultura e tradições dos povos Karajá. Sua Identidade seria influenciada pelas tradições e língua de sua comunidade de origem. A convivência contínua na aldeia e a participação na vida comunitária teriam contribuído para a preservação e fortalecimento da identidade cultural e linguística dessa comunidade.

É possível observar ainda que Ingá menciona fatores de risco para a perda de sua identidade cultural e linguística. Estes são expressos de forma muito tímida, ao compreender que ao chegar na comunidade Lago Grande fez parte da colonização juntamente com os povos não-indígenas, e que hoje fala com o entrevistador em língua portuguesa:

Então, assim, a nossa cultura ainda tá viva, né? Que a gente fica aqui, se eu já tô falando dessa questão, assim, mas é que o **Nordeste não tem mais a cultura. Ele usa a pintura nossa, Karajá**, que lá não tem, né? **Ele não fala a língua, né?** Então, assim, **vai mudando. Pois é, e aí a gente chega aqui do Lar Grande, né? Igual a gente falando, né?** (excerto da EN de Ingá, grifo nosso)

O excerto acima expressa como o participante significa sua identidade linguística na comunidade onde se insere. Identificamos ainda que ele tem compreensão de como a identidade linguística está sujeita a alterações ao passo que estabelece interações sociais nas relações na comunidade.

Portanto, a principal preocupação atual do participante Ingá refere-se à falta de transmissão da língua materna para as gerações mais jovens, mais especificamente seus filhos. O participante expressa tristeza ao notar que seus filhos não sabem falar a língua indígena e nem conhecem os nomes indígenas. Ele considera essa perda da língua materna como algo triste e menciona que trabalha para que a língua e a cultura sejam preservadas, buscando construir uma aldeia. Acredita, ainda, que a escola e professores possam contribuir para ensinar a língua aos seus filhos e netos.

Além disso, o participante menciona mudanças na alimentação e no estilo de vida dos Karajá ao longo do tempo. É preciso enfatizar que, neste trecho da narrativa, o participante está se referindo aos povos Karajá, que permanecem nas aldeias, mas que também sofreram

influência de fatores sociais em contextos diversos, na dinâmica das línguas e nas mudanças nas práticas culturais ao longo do tempo.

O participante Ingá contrasta a dieta tradicional, baseada em alimentos naturais como mandioca, milho e abóbora, com a alimentação atual dos povos Karajá, que inclui mais alimentos processados e industrializados. Essa mudança na dieta está relacionada à ocorrência de problemas de saúde, como diabetes e hipertensão, destacando a influência dos fatores sociais e culturais na saúde e bem-estar das comunidades indígenas.

Na perspectiva teórica que fundamenta este estudo, a cultura indígena é um componente fundamental na análise das práticas linguísticas. Ela reconhece que a língua está enraizada em uma cultura específica e que as práticas linguísticas são influenciadas por fatores culturais, como crenças, valores, tradições e formas de organização social. Sendo a língua, assim, um veículo para a expressão e preservação dessa cultura e vice e versa Fabrício, (2006).

Nesta mesma direção, observamos que a língua materna é usada nas interações sociais e desempenha um papel crucial na comunicação, expressão cultural e na formação de laços sociais dentro de uma comunidade. No entanto, os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas na preservação de suas línguas e culturas estão relacionados à pressão assimilacionista, migração, mudanças socioeconômicas, influência de línguas dominantes, entre outros fatores Labov, 1972; Fishman, (1991).

O conceito de Preconceito Linguístico, palavra-chave emergente na interpretação da narrativa de Ingá, é compreendido neste estudo como uma atitude que surge quando uma língua ou variante linguística é desvalorizada em relação a outras. Essa desvalorização ocorre em contextos nos quais a língua indígena é percebida como inferior ou menos prestigiada em comparação com a língua dominante. Essas manifestações se apresentam na forma de discriminação ou estigmatização de línguas, dialetos ou sotaques, em contraste com aqueles considerados mais prestigiosos. Esse preconceito pode resultar em exclusão social, marginalização e limitações de oportunidades para os participantes dessas línguas ou variedades estigmatizadas Labov, (1972).

No excerto é destacado também o relato de situações em que os indígenas são discriminados, especialmente aqueles que são de origem mestiça. Isso revela questões de identidade, pertencimento e preconceito étnico dentro da comunidade e em suas interações com outros grupos sociais. Em sua narrativa, Ingá enfatiza sobre a importância de respeitar e

valorizar todas as linhas culturais e étnicas. Podemos compreender como esses elementos estão interligados e influenciam as interações sociais e a construção de significado na vida do narrador e de sua comunidade.

Já o preconceito cultural envolve a discriminação, estereotipação ou desvalorização de práticas culturais, crenças, valores ou tradições de certos grupos étnicos, sociais ou religiosos. Os preconceitos linguístico e cultural são fenômenos interligados, pois a linguagem é uma expressão da cultura e ambas podem ser alvo de discriminação e marginalização. No excerto a seguir, destacamos a temática língua e religião.

Tabela 4 – Referencial de codificação 3

### *Língua e Religião*

*TRANSCRIÇÃO*

*Aqui tem os festejos de Nossa Senhora do Nazaré. Os festejos do Lago Grande. A questão da religiosidade, a gente não tinha. Hoje cada um segue, né. Hoje tem um pessoal evangelizando indígena, a gente não concorda muito. Mas como eu fui criado aqui no Lago Grande, no meio do não-indígena, cresci brincando com o não-indígena e aprendi a respeitar as diversas formas. Hoje eu sou católico. O festejo vem em homenagem à fundadora do Lago Grande, uma Senhora chamada Nazaré. Uma mulher no parto fez uma promessa em Nossa Senhora do Nazaré. Ano passado fui capitão e este ano de novo. A gente participa, segue essa linha hoje fora da minha cultura.*

REDUÇÃO	PALAVRAS CHAVE
Ingá é católico, segue a cultura que aprendeu com os povos não-indígenas, onde cresceu no Lago Grande. Não concorda com a evangelização dos povos Indígenas, mas justifica que já nasceu nesta cultura.	<p><b>Aculturação</b></p> <p><b>Evangelização</b></p> <p><b>Crença</b></p>

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Jovchelovitch e Bauer (2000).

Neste excerto da narrativa, Ingá revela elementos de aculturação em sua história de vida. Ele menciona ter sido criado no Lago Grande, em um ambiente predominantemente não-indígena, onde cresceu brincando com não-indígenas e aprendeu a respeitar as diversas formas. Esse contato com diferentes culturas e a incorporação de elementos não-indígenas em sua identidade são reflexos da aculturação, que é o processo pelo qual um indivíduo ou grupo adquire características culturais de outro indivíduo ou grupo, resultando em mudanças na identidade e na forma de vida.

O processo de evangelização de povos indígenas na região é percebido por Ingá, e o interpretamos na passagem onde ele menciona que atualmente existe um grupo de pessoas evangelizando os indígenas. E ele expressa seu desacordo com essa prática. A evangelização refere-se ao ato de disseminar uma religião específica, geralmente o cristianismo, com o objetivo de converter outras pessoas. No contexto da narrativa, a evangelização dos indígenas

representa uma influência religiosa externa que está sendo introduzida na comunidade e possivelmente afetando as crenças e práticas indígenas originais.

A crença de um sujeito engloba a adesão a um sistema de valores, princípios e práticas espirituais ou religiosas, desempenhando um papel significativo na identidade e nas experiências dos indivíduos e das comunidades. Esse respeito pela diversidade cultural e religiosa é uma característica que busca promover a coexistência pacífica e o entendimento mútuo entre diferentes grupos culturais e religiosos.

A narrativa mostra como a religião desempenha um papel importante na vida das pessoas, fornecendo um senso de pertencimento e conexão com sua cultura e tradições. Nesta abordagem de estudo, compreendemos que a linguagem é utilizada nas interações sociais e essas interações refletem e influenciam as relações sociais mais amplas. Assim, a diversidade religiosa se reflete na medida em que as crenças religiosas são comunicadas, negociadas e construídas através da interação verbal, na comunidade. Essas interações moldam as identidades religiosas individuais e coletivas.

Aspecto que merece observação na narrativa de Ingá é que mesmo não se identificando Karajá ao pronunciar seu nome no ato da entrevista, durante todo seu discurso, na narrativa, se refere aos povos Karajá como: “nosso povo”, “nossa cultura”. São evidências de pertencimento e identificação com sua comunidade indígena. De fato, o sujeito Ingá e seus filhos, na atualidade, ainda sofrem preconceito linguístico e cultural, uma vez que estão na fronteira ideológica de pertencimento, entre se sentir aceito como branco e sentir-se indígena. Interpretamos estes fatores como reflexos do acultramento ocasionado pela migração.

## **5 Considerações finais**

Ao longo deste estudo, analisamos a narrativa de Ingá, destacando a construção de sua identidade por meio de sua trajetória pessoal, suas relações com comunidades indígenas, as mudanças sociolinguísticas e as influências culturais e religiosas. Os elementos presentes na narrativa contribuem para a formação de sua identidade, estabelecendo conexões com lugares específicos, relações familiares, sociais e religiosas.

A entrevista narrativa desempenhou papel fundamental na construção dos dados desta pesquisa sociolinguística com ênfase na interação, possibilitando a reconstrução dos acontecimentos sociais vivenciados pelo participante da entrevista, no caso Ingá, a partir de sua

perspectiva, ou seja, da forma como ele significou, no momento da entrevista, a si, aos outros e a realidade na qual está inserido.

No intuito de compreendermos a realidade social na qual Ingá está inserido, buscamos procedimentos de pesquisa que se aproximem o máximo possível da realidade manifestada pelo entrevistado. Através das reflexões expressas ao narrar sua trajetória de vida, Ingá foi capaz de (re)construir essa realidade, modificando-a, influenciando-a e sendo influenciado por ela. Isso porque os dados obtidos na entrevista narrativa são textos que não apenas retratam a sequência dos acontecimentos externos relatados por Ingá, mas também as reações internas que ele próprio vivenciou, ao construir sua narrativa.

Assim, ele destaca, em sua narrativa, a diversidade linguística dos povos Karajá e a importância social desta na construção de identidades linguísticas. A história pessoal de Ingá influencia sua perspectiva sobre a vida e a comunidade, levando-o a refletir sobre a preservação da língua. Observamos que ele tem consciência de que a língua está ligada ao reconhecimento social, aos direitos constitucionais de demarcação de terras. Além disso, observa que a preservação da língua é fundamental para a continuidade histórica, transmissão de conhecimentos ancestrais e fortalecimento da identidade coletiva dos povos Karajá, proporcionando resistência frente aos desafios sociais, econômicos e políticos. Ele compreende, ainda, que as mudanças na alimentação e no estilo de vida estão relacionadas aos problemas de saúde dos povos Karajá, na atualidade.

Ingá expressa também o seu desacordo com a evangelização dos indígenas e destaca situações de preconceito linguístico e cultural. Vemos o preconceito como um obstáculo para a igualdade e inclusão social. A este respeito, consideramos que estudos futuros poderão analisar a variação e contatos linguísticos na comunidade a fim de contribuir para o combate ao preconceito e o desenvolvimento de ações com vistas à valorização das diversidades linguística e cultural.

## 6 Referências Bibliográficas

BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, v. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ago, 2005.

BASTOS, Liliana Cabral e SANTOS, William Soares dos. Introdução: Entrevista, narrativa e pesquisa. In: BASTOS, Liliana Cabral e SANTOS, William Soares dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Org.: Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, vol. 31, especial, p.97-126, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2005 [2004].

BAUMAN, Richard. **Story, performance and event. Contextual studies of oral narrative**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro: o português que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. **Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach**. Discourse studies, Vol. 7, 4–5 (p. 585-614), 2005.

BRUNER, Jerome. **Folk Psychology as an instrument of culture**. In: **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

SCHUTZE, Schütze. **Die Technik des Narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien - Dargestellt an Einem Projekt zur Erforschung von Kommunalen Machtstrukturen**. Unpublished manuscript, University of Bielefeld, Department of Sociology, 1977.

SCHUTZE, Schütze. **Narrative Repraesentation kollektiver Schicksalsbetroffenheit**. In: E. LAEMMERT (ed.). Erzaehlforschung. Stuttgart: J.B. METZLER, p. 568-90.

SCHUTZE, Schütze. **Pressure and Guilt: War Experiences of a Young German Soldier and their Biographical Implications**, parts 1 and 2, International Sociology, 1992, 187-208 and 347-67.

DE FINA, Anna. **Identity in Narrative: a study of immigrant discourse**. Philadelphia: John Benjamins Publishing North America, 2003.

DE FINA, Ana; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Introduction: Narrative analysis in the shift from texts to practices**. In: Text e Talk 28-3, 2008. p. 275- 281

DE FINA, Ana; PERRINO, Sabina. **Introduction: Interviews vs. ‘natural’ contexts: A false dilemma**. In: Language in Society, v. 40, p.1–11, 2011.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana. C. Identidade de grupo: a memória como garantia do nós face ao outro. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa

Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição. (Org.). **Discursos socioculturais em interação: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração.** Garamond, Rio de Janeiro, 2009, p. 39-66.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “reaprendizagem”: redescrições em curso. In MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo, Parábola Editorial, 2006. P. 45-63.

FISHMAN, Joshua Reversing language shift: theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. **Bristol, PA: Multilingual Matters.** A. 1991.

GARCEZ, Will M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.) **Narrativa, Identidade e Clínica.** Edições IPUB, Rio e Janeiro, 2001.

GARCEZ, Pedro.M.; BULLA, Gabriela.S. e LODER, Letícia.L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA**, 30.2, 2014, p.257-288.

GOFFMAN, Erving. A Elaboração da Face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

GOFFMAN, Erving. **The frame analysis of talk. In: Frame Analysis - an essay on the organization of experience,** Boston, 1986.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na Vida Cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes.2014 [1959]. 6ª reimpressão, 2020 [1959].

GOFFMAN, Erving. Footing. In RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional.** São Paulo, Edições Loyola, 2002.2ª. Edição revista e ampliada, 2013 [1979]. p. 107-148

JOVCHELOVTCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B.T; LIMA, C.C; DANTAS, M. T.L. **Narrativa, Identidade e Clínica.** Rio de Janeiro: edições IPUB, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. A experiência identitária na lógica dos fluxos: uma lente para se entender a vida social. In MOITA LOPES, Luiz Paulo da e BASTOS, Liliana Cabral. (Org.) **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsito**. Belo Horizonte, UFMG, 2010. p. 09-22.

RIBEIRO, Branca. T. e Pedro. M. GARCEZ (orgs.) **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998, 159pp.

RIESSMAN, Catherine K. **Narrative methods for the human sciences**. Sage, 2008.

SNOW, David. **Collective Identity and Expressive Forms**. 2001. In: International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences. Disponível em: <http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>. Acessado em: 19 de novembro de 2020.